

A ARTE ATLÂNTICA DO CRASTOEIRO (NORTE DE PORTUGAL): CONTEXTOS E SIGNIFICADOS (I)

THE ATLANTIC ROCK ART OF CRASTOEIRO (NORTH OF PORTUGAL): CONTEXTS AND SIGNIFICANCES

António Pereira Dinis* & Ana M. S. Bettencourt**

* Doutorando na Universidade do Minho. E-mail: antoniopdinis55@gmail.com

** Professora Auxiliar com Agregação do Departamento de Historia da Universidade do Minho. E-mail: anabett@uaum.uminho.pt

Resumen: Basados en los resultados de las excavaciones arqueológicas realizadas en los complejos I y II del arte atlántico de Crastoeiro, localizados en el Monte de la Senhora da Graça y partiendo del supuesto de que los individuos no sólo viven en un espacio sino que también están inmersos o incorporados en el, este trabajo tiene como objetivo establecer algunas interpretaciones no sólo sobre la biografía de cada uno de estos loci, sino también, entender los diferentes procesos de interacción de las comunidades locales con el Monte da Senhora da Graça, especialmente aquellos que se relacionan con la elección, la construcción, la frecuencia y las acciones inherentes al uso de estos lugares que designamos arte rupestre.

Palavras-clave: Norte de Portugal; Arte atlántica; Calcolítico; Edad del Hierro; Contextos y significados de utilización y reutilización.

Abstract: Based on the results of archaeological excavations carried out in nuclei I and II of Castroeiro and also on the assumption that individuals do not merely live in but are immersed or incorporated in an environment, this work aims at assessing some interpretations and raise questions concerning not only the biography of each one of these places, but also the different processes of interaction within each community and of the communities with the mount of Senhora da Graça, specifically those having to do with the social meaning of the choice, construction and frequency of those sites which we designate as rock art.

Keywords: North of Portugal; Atlantic rock art; Calcolithic; Iron Age; Contexts and significances of use and reuse.

I. INTRODUÇÃO

A Arte Atlântica do Noroeste da Península Ibérica, inserível no ciclo artístico de gravuras de ar livre que se distribuem desde as Ilhas Britânicas até ao Noroeste de Portugal, é alvo de grande controvérsia quanto às suas balizas cronológicas. Segundo alguns autores teria tido um ciclo de vida longo, com início no Mesolítico e término na Idade do Ferro (Anati 1968) ou desde o Neolítico até à Idade do Bronze ou Idade do Ferro (Santos Junior 1940; Alves 2003). Segundo outros, a sua utilização teria sido de curta duração, quer durante o Calcolítico Final/Bronze Inicial (ou seja, dos finais do III^o aos inícios do II^o milénios AC) (Peña Santos & Rey García 1993; Costas Goberna & Novoa Álvarez 1993), quer durante a Idade do Bronze (Baptista 1995; Santos Estévez & Criado Boado 1998). As persistências de reutilização da arte rupestre atlântica durante o Bronze Final e a Idade do Ferro têm sido igualmente admitidas por A. M. S. Bettencourt (1999: 1091-1092; 2005) e por J. Rey Castiñeira & Soto-Barreiro (2001).

Apesar da resolução desta problemática ser importante, a metodologia de estudo tem-se centrado, essencialmente, em análises endólicas ou de distribuição espacial entre os lugares gravados e as restantes materialidades arqueológicas, ambas insuficientes para determinar os contextos culturais e ideológicos da frequência e uso destes locais (Bettencourt & Sanches 1998). Assim, a escavação arqueológica pareceu-nos ser a opção certa, quer para a contextualização cronológico-cultural dos vários grupos de gravuras rupestres do Crastoeiro, quer para o estabelecimento de hipóteses sobre o significado

destes locais. Esta metodologia foi completada com estudos da estratigrafia horizontal ou vertical dos motivos gravados, da organização interna de cada conjunto, assim como da sua contextualização geomorfológica e arqueológica. Privilegiámos, igualmente, as comparações intra-site.

Na análise interpretativa partimos do pressuposto que os indivíduos não habitam simplesmente num espaço mas fazem parte integrante dele, experienciando-o e reproduzindo-o, quer nas suas acções do dia a dia, quer em lugares de maior amplitude e partilha pública (Ingold 2000), como cremos serem os de arte atlântica.

2. A ARTE ATLÂNTICA DO CRASTOEIRO: COMPLEXOS I E II

Os complexos I e II do Crastoeiro localizam-se na vertente sudoeste da Senhora da Graça ou Monte Farinha, freguesia de Mondim de Basto, concelho de Mondim de Basto, distrito de Vila Real (Fig. 1). A Senhora da Graça é um monte granítico de configuração cónica, com 941m de altitude, onde emergem inúmeros afloramentos e correm linhas de água que alimentam os rios Cabril e Tâmega. A sua altitude e forma singular tornam-no imponente e impressionante na região, sendo avistado de muitas dezenas de quilómetros em redor (Fig. 2). As suas vertentes são particularmente abruptas até à cota dos 500-450m, onde se forma um patamar, mais ou menos alargado, a partir do qual o acesso aos vales circundantes se encontra facilitado e vice-versa.

É precisamente neste patamar, “limite natural” de circulação, que foram identificadas cerca de meia centena de rochas com gravuras, no local conhecido como Crastoeiro (2), que agrupámos em cinco complexos, cada um deles parecendo organizar diferentes recintos, a par de outros *loci*, a Norte e Sul, daqueles, respectivamente (Fig. 3).

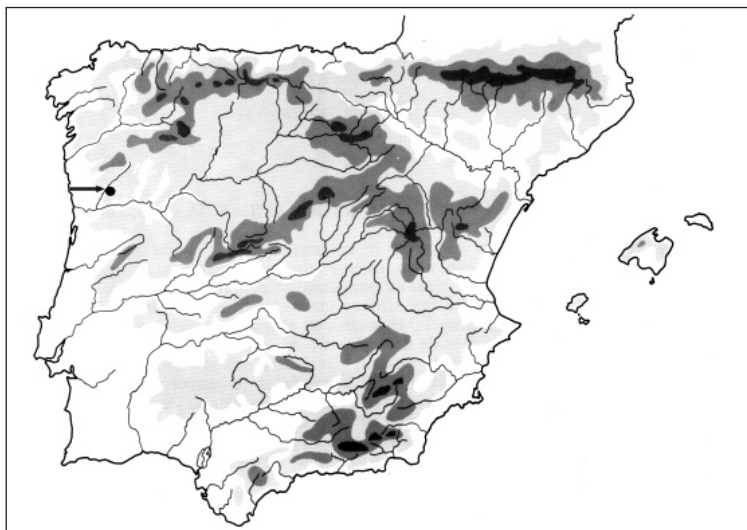


Fig. 1 – Localização do Crastoeiro no mapa da Península Ibérica



Fig. 2 – Vista do Monte da Senhora da Graça



Fig. 3 – Distribuição dos complexos de arte rupestre do Crastoeiro

No Crastoeiro, onde os trabalhos arqueológicos ainda decorrem, apenas escavámos as áreas adjacentes aos Complexos I e II de arte rupestre.

O nº I ocupa uma área com profusão de blocos graníticos delimitada, a Sul e a Oeste, por uma escarpa e a Este, pelo Monte da Senhora da Graça. Para Norte, estende-se uma área aplanada permitindo a comunicação com o Complexo II. De ambos os lados desta pequena plataforma ocorrem caos de blocos, alguns apenas com covinhas, degraus e patamares de acesso a penedos de ampla visibilidade, por vezes com pias naturais usadas intencionalmente. Trata-se do que denominámos Complexos III e IV.

No Complexo I identificámos 21 rochas com gravuras, efectuadas por picotagem e abrasão, 15 delas unicamente com covinhas. Nas restantes, conjugam-se covinhas, semi-círculos, círculos simples e concêntricos, sulcos, uma espiral, um motivo ovalado, segmentado, com nuvens de pontos no seu interior, etc.

Neste conjunto, evidenciamos um dos afloramentos que, pelo tamanho, composição decorativa e posicionamento, parece constituir o epicentro deste recinto (Fig. 4). Trata-se da rocha 1, aplanada e com ligeira pendente para Oeste, cujas gravuras se iluminam de forma intensa quando o sol nasce, por detrás do Monte, embora também sejam visíveis durante o ocaso. Pelos lados Este e Sudeste da rocha 1 e a cotas ligeiramente mais elevadas distribuem-se 10 rochas gravadas, configurando uma espécie de anfiteatro. O conjunto destas características topográficas, a complexidade e a orientação dos motivos da rocha 1, delimitados a oeste por um sulco, aberto, como se de uma porta de entrada se tratasse, assim como uma pia cavada num pequeno afloramento que ladeava a Sul esta rocha, indiciam a sua importância hierárquica e uma cenografia de utilização de frente para as gravuras e para o monte que lhes serve de “pano de fundo”. As escavações em curso, nesta área, puseram a descoberto, além da pia referida, um pavimento que encostava à rocha 1, pelo menos, pelos lados Norte e Noroeste, indiciando uma área de circulação ainda não totalmente definida e onde se distribuía duas lareiras. Nas imediações existem diversas estruturas em pedra e uma grande fossa aberta no saibro e nos sedimentos, num nível inferior ao das construções pétreas (Fig. 5). Todas estas estruturas datam de entre o séc. IV e o séc. II/ I a.C.. Contudo a presença de uma ponta de seta, do Neo-Calcolítico, no interior dos sedimentos de uma fossa aberta no saibro da Idade do Ferro poderá ser indicio de que, à volta das gravuras deste complexo, se desenvolveram acções durante a pré-história cujos indícios terão sido destruídos posteriormente.

O Complexo II, com 9 penedos gravados, fica a 30m para Norte do I, sendo delimitado a Oeste pela escarpa e a Sul e a Este, por afloramentos de cota mais elevada. É, também, a Este que fica o cume do Monte. Para Norte e Noroeste desenvolvem-se áreas mais aplanadas onde detectámos mais 4 rochas com motivos abstractos inseríveis na arte atlântica, que designámos por Complexo V.

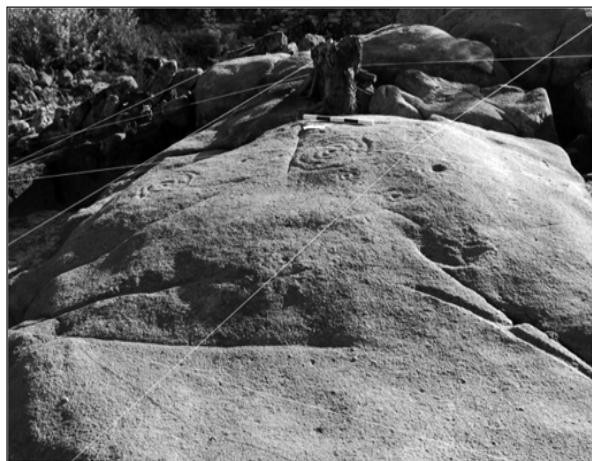


Fig. 4 – Rocha 1 do Complexo I



Fig. 5 – Construções pétreas junto ao Complexo I

No recinto II evidencia-se a rocha 1, mais a Este, de superfície boleada, onde se gravou a composição mais complexa deste grupo, distribuída pelo topo e pendente sudeste (Fig. 6). Esta característica e o facto das gravuras ficarem melhor iluminadas no ocaso indicia que seriam observadas de costas para o monte, provavelmente do topo de um afloramento, que se lhe adossa a Este, e onde cabem apenas 3 ou 4 pessoas. De notar aqui uma estratigrafia horizontal e vertical de motivos, com insculpturas e técnicas de gravação distintas. As rochas números 2 e 3, apareceram durante as escavações, embora sob uma ocupação medieval (Fig. 7). A 2 foi parcialmente gravada com duas covinhas isoladas e dois conjuntos de semi-círculos concêntricos que abarcaram duas protuberâncias cónicas do suporte, separadas por uma fissura, existente na rocha. A 3, quase encostada à anterior, foi apenas gravada com covinhas. Também aqui foi encontrada uma pia, cortada num bloco de granito, colocada a sul da rocha 2, o que indicia a abordagem destes dois penedos de frente para a montanha e para a rocha 1, cujos motivos não seriam totalmente observáveis a partir deste ângulo. As rochas 4, a maior e, talvez, a mais impressiva deste complexo embora ainda não totalmente estudada, e a 5, a oeste, ambas com círculos concêntricos e covinhas parecem determinar um olhar sobre a montanha e as rochas 1, 2 e 3, ou seja, sobre quase todo o recinto gravado.

As escavações desta área revelaram, no recinto prefigurado pelas gravuras, uma última utilização destas, durante os Finais da Idade do Ferro (séc. I a.C.), através de resquícios de pavimentos com o negativo de uma lareira, co-relacionável com a pia atrás referida. Sob estas materialidades ocorre um palimpsesto de fossas, em negativo, e uma estrutura circular semi-subterrânea (Fig. 8) o que coloca a primeira reutilização das gravuras nos séculos IV/III a.C., segundo datas radiométricas (Dinis 2001). Não se detectaram níveis estratigráficos mais antigos na área. No entanto a presença de escassas cerâmicas dos finais do IV aos meados do III milénio AC (Fig. 9) e de outras da Idade do Bronze, no enchimento de algumas fossas da Idade do Ferro, permite presumir ocupações destes períodos a Sul e Este deste recinto ou utilizações frustradas deste lugar, completamente destruídas pelas ocupações posteriores da Idade do Ferro.



Fig. 6 – Rocha 1 do Complexo 2



Fig. 7 – Rochas 2 e 3 do Complexo 2



Fig. 8 – Estrutura circular semi-subterrânea junto ao Complexo 2



Fig. 9 – Fragmento de cerâmica calcolítica do Complexo 2

3. INTERPRETAÇÕES

Perante os resultados do trabalho realizado admitimos que os complexos I e II do Crastoeiro foram usados durante grande parte da Idade do Ferro regional ou mesmo durante a Romanização deste local, ou seja, cerca de 400 anos. Porém, a existência de sobreposições e adições de motivos gravados (Fig. 10), nalgumas rochas, assim como a presença de cerâmicas pré-históricas e de uma ponta de seta em quartzo, descontextualizadas, poderão indicar que a construção destes lugares se iniciou antes, talvez durante o Calcolítico regional (finais do IV a meados do III milénios AC), num tempo em que a sua frequência não teria deixado grandes testemunhos materiais. Assim sendo, as gravuras do Crastoeiro teriam sido usadas e, possivelmente, reinterpretadas ao longo de 3000 a 2500 anos.



Fig. 10 – Adições e sobreposições de motivos gravados

Claro que estas considerações não permitem generalizações para a totalidade da Arte Atlântica do Noroeste da Península Ibérica, dada a parcialidade de locais contextualizados através de escavações e de datas de C14. Do mesmo modo, há que ter em conta as contingências ou a biografia de cada lugar. De salientar, a propósito, que as gravuras do Crastoeiro são das mais orientais que se conhecem no Norte de Portugal, pelo que o seu uso, até tarde, poderá resultar de fortes arcaísmos existentes nesta região.

Em termos sócio-ideológicos e baseados na premissa de que as gravuras rupestres evidenciam e ou enfatizam o significado pré-existente dos locais onde se distribuem, possibilitando, deste modo, interpretações de como as comunidades interagiram e se implicaram com os elementos fixos da natureza, ou se quisermos, a sua percepção sobre o mundo natural onde estão imersas e actuam (Ingold 2000), estabelecemos as seguintes hipóteses interpretativas sobre o Crastoeiro:

- que o monte da Senhora da Graça foi muito significativo na percepção do mundo das populações da Idade do Ferro regional;
- que o patamar entre os 450-500m, área simbólica de limite entre o vale acessível e o cume de difícil acesso, quiçá, simbolicamente intransponível, teria sido privilegiado na celebração de ritos e cerimónias relacionadas com o monte sagrado;
- que é possível que algumas rochas expressassem, a esta cota, a projecção mental do monte, principalmente as que detinham protuberâncias, pois todas as identificadas com essa característica foram gravadas;
- que a relação entre os ciclos solares, o monte e as gravuras parece ser igualmente significativa;
- que entre os vários loci com arte rupestre poderia ter existido complementaridade de ritos e celebrações;
- que o fogo parece deter um papel importante nas cerimónias da última fase de uso destes lugares;
- que a interpretação das fossas abertas no saibro, como simples estruturas de armazenagem, tem de ser mitigada, mesmo que muitas contivessem sementes e, finalmente, que a atribuição de simples povoado ao lugar do Crastoeiro (Dinis 2001) deve ser revista.

AGRADECIMENTOS

Estamos gratos a Josefa Rey Castiñeira pela tradução do resumo e das palavras-chave, para castelhano.

Datas de radiocarbono relacionadas com o Complexo II do Crastoeiro (3)

Referência	Data BP	Cal. BC (1 sigma)	Cal. BC (2 sigma)	Contexto
Ly - 4936	2175±40	356-287 (0.561) 233-172 (0.439)	374-147 (0.951) 141-111 (0.049)	Carvão e sementes da camada 6c do enchimento da fossa V.
ICEN - 45	2210±45	361-343 (0.136) 324-270 (0.407) 263-205 (0.456)	387-175 (1.000)	Primeira ocupação da Idade do Ferro (Dinis 2001)
Beta - 239988	2120±70	348-316 (0.136) 208-46 (0.864)	366-AD5 (0.998) AD13-16 (0.002)	Sementes da camada 3 do enchimento da fossa 10
Beta - 239989	2080±40	163-129 (0.304) 120-48 (0.696)	200-AD3 (1.000)	Carvão da u.e. 40 do enchimento da fossa 16, cortada numa camada mais antiga
Beta - 239990	2210±40	361-344 (0.128) 323-272 (0.413) 262-205 (0.458)	385-185 (1.000)	Sementes da camada 1b do enchimento da fossa 18.1

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, L. B. 2003. The Movement of Signs. Post-glacial rock art in north-western Iberia. PhD Thesis. Department of Archaeology. University of Reading, 2 vols. (policopiado).
- ANATI, E. (1968). Arte rupestre nelle regioni occidentali della Penisola Iberica, Ed. del Centro, Capo di Ponti.
- BAPTISTA, A. M. (1995). O santuário rupestre da Bouça do Colado, A Idade do Bronze em Portugal. Discursos do Poder, Ed. SEC, pp. 97 – 98.
- BETTENCOURT, A. M. S. (1999). A Paisagem e o Homem na bacia do Cávado durante o II e o I milénios AC, 5 vols (Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade do Minho, na área de Pré-História e História Antiga – policopiada).
- BETTENCOURT, A. M. S. (2005). Gravados rupestres ao aire libre do denominado “Grupo Galaico” ou do “Grupo I do Noroeste” (Norte de Portugal), in J. M. Hidalgo Cuñarro (coord.) Arte e Cultura de Galicia e Norte de Portugal. Arqueoloxía, vol. 1, Nova Galicia Edicións, S.L., Vigo, pp. 161 – 165.
- BETTENCOURT, A. M. S. & M. J. Sanches (1998). Algumas questões sobre a Idade do Bronze do Norte de Portugal, R. Fábregas Valcarce (ed.) A Idade do Bronze en Galicia: Novas Perspectivas, Ed. Cadernos do Seminário de Sargadelos - 77, Corunha, pp. 13 – 45.
- COSTAS GOBERNA, J. & P. NOVOA ÁLVAREZ (1993). Los grabados rupestres de Galicia. Monografías do Museu Arqueolóxico e Histórico de A Coruña – 6, A Coruña.
- DINIS, A. (1993/1994). Contribuição para o estudo da Idade do Ferro em Basto: o Castro do Crastoeiro, Cadernos de Arqueologia, 8/9, Braga, pp. 261 - 278.

- DINIS, A. (2001). O povoado da Idade do Ferro do Crastoeiro (Mondim de Basto), Norte de Portugal, Cadernos de Arqueologia – Monografias, 13, Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, Braga.
- DINIS, A. (no prelo). O Monte da Senhora da Graça (Mondim de Basto, Norte de Portugal), como sítio de memória através dos tempos, Estudos Transmontanos e Durienses, 14, Arquivo Distrital de Vila Real, Vila Real, 2008
- INGOLD, TIM (2000). The perception of the environment. Essays in the livelihood, dwelling and skill, Londres, Routledge.
- PEÑA SANTOS, A. & J. M. Rey García (1993). El espacio de la representación. El arte rupestre galaico desde una perspectiva territorial. Revista de Estudos Provinciais, 10, Pontevedra, pp. 12 – 50.
- REIMER, P.J.; M.G.L. Baillie; E. Bard; A. Bayliss; J.W. Beck; C. Bertrand; P.G. Blackwell; C.E. Buck; G. Burr; K.B. Cutler; P.E. Damon; R.L. Edwards; R.G. Fairbanks; M. Friedrich; T.P. Guilderson; K.A. Hughen; B. Kromer; F.G. McCormac; S. Manning; C. Bronk Ramsey; R.W. Reimer; S. Remmele; J.R. Southon; M. Stuiver; S. Talamo; F.W. Taylor; J. van der Plicht & C.E. Weyhenmeyer (2004), Radiocarbon, 46, pp. 1029 - 1058.
- REY CASTINEIRA, J. & M. José Soto-Barreiro (2001). El arte rupestre de Crastoeiro (Mondim de Basto – Portugal) y la problemática de los petroglifos en castros, in A. Dinis (ed), O Povoado da Idade do Ferro do Crastoeiro (Mondim de Basto, Norte de Portugal), Cadernos de Arqueologia -13, Braga, Univ. do Minho, pp. 159 - 200.
- SANTOS ESTÉVEZ, M. & F. Criado Boado (1998). Espacios rupestres: del panel al paisaje, Arqueologia Espacial, 19-20, pp. 579-595.
- SANTOS JÚNIOR, J. (1940). Arte rupestre, Actas do Congresso do Mundo Português, vol. 1, Lisboa, pp. 327 – 376.

NOTAS

1. Este trabalho foi efectuado no âmbito do projecto "Estudo e Valorização do Património Arqueológico da Vertente Oeste do Monte da Senhora da Graça, Mondim de Basto (Norte de Portugal)" da responsabilidade de A. Dinis com a consultoria de A. M. S. Bettencourt.
2. Algumas referências a esta arte atlântica foram publicadas em A. Dinis (1993/1994; 2001; no prelo) e em J. Rey Castiñeira & M. J. Soto-Barreiro (2001).
3. Datas calibradas segundo o programa de Reimer *et alii* (2004).

